

**A TRANSITORIEDADE NAS EPISTULAE MORALES
AD LUCILIUM, DE SÊNECA, E TRÊS POSSÍVEIS REAÇÕES
DIANTE DA MORTE E DE SEUS EFEITOS**

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)
lucalibr@gmail.com

RESUMO

O presente artigo trata da questão da transitoriedade, de acordo com a conceitualização de Sigmund Freud, em textos latinos da alta Antiguidade Romana, do período pós-clássico e da alta Idade Média, por meio de exemplares textuais, de três reações típicas diante da questão da morte e de seus efeitos. Em primeiro lugar, orar pela saúde e a boa conservação dos bens materiais, animais e pessoas; em segundo lugar, estando em risco iminente de morte ou de perda, a busca de conselhos e admoestações visando ao afastamento de situações de perigo ou de risco à vida e à boa condução do destino e da própria sorte; e, em terceiro lugar, os momentos difíceis, ainda que tenha havido uma organização para enfrentar esses momentos derradeiros. Como exemplificação dos três momentos temos uma prece ao Deus Marte, em latim arcaico; num segundo momento, uma epístola de Sêneca a Lucílio que tipificamos como divisor de águas ou meio-termo; em um terceiro momento ou derradeiro, o hino mariano *Stabat Mater*, que encontramos como emblemático, um dos textos de um hinário católico, publicado pelos beneditinos de Solesmes.

Palavras-chave:

Transitoriedade. Literatura Latina. Epístolas de Sêneca

ABSTRACT

This article deals with the issue of transience, according to the conceptualization of Sigmund Freud, in Latin texts from high Roman Antiquity, the post-classical period and the high Middle Ages, through textual examples, of three typical reactions to the issue of death and its effects. Firstly, pray for the health and good conservation of material goods, animals and people; secondly, if you are at imminent risk of death or loss, seek advice and admonitions aimed at avoiding dangerous or life-threatening situations and helping to guide your destiny and your own luck; and, thirdly, the difficult moments, even if there was an organization to face these final moments. As an exemplification of the three moments. We have a prayer to the God Mars, in archaic Latin; in a second moment, an epistle from Seneca to Lucilius that we typify as a watershed or middle ground; in a third or final moment, the Marian hymn *Stabat Mater*, which we find as emblematic, one of the texts of a Catholic hymnal, published by the Benedictines of Solesmes.

Keywords:

Transience. Latin Literature. Seneca's Epistles.

1. Introdução

Todos nós sabemos que a civilização da Antiga Roma foi uma das mais longevas civilizações do mundo e a que, dentre as mais perenes, mais influência teve para a posteridade no mundo contemporâneo. Posto isso, iniciaremos pelas origens, no antigo Lácio, às margens do rio Tibre, até desembocarmos nos momentos em que os escombros civilizatórios se transformam em legado para o mundo inteiro e que, cada vez mais, tornam-se presentes em todas as regiões do planeta Terra.

A linguagem humana é testemunha do afã de se fazer imortal através da palavra ou até dos desenhos e pinturas rupestres. De algum modo, falam da luta pela sobrevivência e de sua condição contingencial de estar sujeito à morte ao travar essa luta.

Como diz Jean-Paul Sartre¹, o homem está sujeito à mortalidade e existe na consciência de sua finitude e caminha em direção ao nada, em transformações contínuas. Ao longo do tempo da história, o homem tem elaborado, juntamente com o relato de suas experiências, alguma elaboração religiosa, a partir dos absurdos vivenciados nas suas tentativas de se fazer forte e resistir, seja aos animais mais fortes, seja aos micro-organismos que lhes ceifam a vida.

Nesse artigo traçaremos considerações sobre a literatura latina com o intuito de discorrer sobre um conceito encontrado na obra de Freud, a transitoriedade, e as reações a essa condição de todos os seres vivos. Trataremos de três reações: a de negação, a de consciência e as recomendações para evitá-la e, por fim a organização para a preparação para o fim, difícil, porém, inevitável.

Como um fator inexorável como é a morte e como a esquivação é uma das reações mais saudáveis do indivíduo em todas as ocasiões da vida, observamos que, à medida que a história do mundo avança, mais observamos que a sobrevivência dos seres humanos torna-se cada vez mais desafiadora.

Nesse sentido, ao lermos as epístolas de Sêneca em seus detalhes, observamos que a transitoriedade ou a finitude da existência encontra em Sêneca uma possível tese de que, naqueles textos, a finitude encontra em

¹ SARTRE, J.-P., autor de teatro, romances e ensaios filosóficos, tais como “A náusea”, “Huis clos”, “O ser e o nada”, “A puta respeitosa”, dentre outros.

Sêneca um meio-termo entre as três possíveis reações à morte e seus efeitos. Isto se configura como uma hipótese a ser testada em um trabalho de pesquisa de maior fôlego.

2. Capítulo de Freud sobre a transitoriedade

Em curto artigo nas obras completas de Sigmund Freud, citadas na bibliografia, no volume XIV, páginas 344 a 348, fala da preocupação quanto ao prosseguimento das atividades, por parte de um jovem poeta, porém já famoso, no tocante à conclusão dos empreendimentos iniciados.

Sentia o jovem uma angústia diante da possibilidade de que tudo quanto era belo pudesse desaparecer na próxima estação do ano, de que tudo pudesse ser extinto e deixar de viver.

A conhecida e reverenciada cantora brasileira Gal Costa, em um depoimento, pouco tempo antes de vir a falecer, disse entre outras coisas, que receava que toda a sua vida estivesse por um fio, um risco de iminência da morte. Dizia coisas como “Tudo o que é belo, um dia acaba!”.

A questão da transitoriedade afeta a todos. Quem nunca ficou sem saber o que fazer diante de uma gripe ou um estado febril? Ou nunca se angustiou com a possibilidade de virem seus negócios darem errado e chegarem a falir?

Como falaremos desta questão dentro da Literatura Latina, é oportuno tecer considerações sobre a etimologia do substantivo “transitoriedade”. A palavra é composta a partir de verbo *transeo*, *transis*, *transire*, *transiui*, *transitum*, o qual significa “atravessar, transitar, passar. Nesse sentido, ser transitório significa estar sujeito a passar, a atravessar, a estar de passagem.

Assim como no trânsito dentro do contexto urbano, nós passamos pela vida, sempre na iminência do fim, coisa que nos afeta e nos angustia, em qualquer idade em que estejamos. Se isso é causa de sofrimento excessivo, há em nossos dias recursos farmacológicos específicos para amenizar e aliviar tal sofrimento.

Observamos que Freud inovou, com a criação da psicanálise, um meio de curar, pela fala, os sofrimentos psíquicos que advêm da dimensão das perdas ao longo da vida. Ao tratar a questão da transitoriedade, faz uma menção à sua importância e o quanto é vital não a subestimar em seu poder sobre o aparelho mental.

Freud observa, para além da perda ou finitude da existência, que o luto se faz bastante importante para que a libido encontre outros objetos ou saídas de saúde para absorver as perdas e seus impactos. Para nós também, ao final, deveremos estar preparados também para a nossa partida, bem como isto se faz importante também para a civilização, em termos de memória histórica, avanços, nascimentos ou transformações e mudanças.

3. O estoicismo como importante filosofia de resistência aos reveses da vida

Se tratamos da obra literária de Sêneca, não podemos deixar de mencionar a filosofia estoica, da qual Sêneca é, ao lado de Marco Túlio Cícero e Marco Aurélio, representante ímpar entre os romanos. Sêneca desenvolveu e renovou o estoicismo em vários gêneros literários, tais como a epistolografia, os diálogos filosóficos, as tragédias.

O estoicismo foi criado por Zenão de Cítio, de origem semítica, que tinha interesse na cultura grega e em suas escolas filosóficas; informa-nos e tece considerações importantes sobre essa escola filosófica Giovanni Reale (1994, p. 261-385).

Um dos elementos importantíssimos é que constitui, juntamente com o epicurismo, o cinismo e o ceticismo, dentre outras escolas, produtos da era helenística, na qual era vigente a decadência e a falência das pólis gregas, sob o comando da dinastia de Alexandre, o Grande (356 a 323 a.C.), uma mudança nos padrões de pensamento desta importante fase da civilização grega e, como consequência, os de todas as civilizações que herdaram tais padrões, foi determinada pela retirada de cena das instituições democráticas das pólis.

Enquanto as pólis gregas eram ativas e governadas pelos seus líderes e suas leis, o Estado dava conta da vida dos cidadãos. Os legisladores legislavam (*βουλή* ou *Câmara legislativa*), o Governo da pólis (*Εκκλησία* ou *Ecclesia*) sancionava essas leis e administrava, por seu cargo, os julgamentos, as decisões e as punições aos cidadãos. Com a falência das pólis gregas, a questão das *phrónesis* (*φρόνησις*, ou seja, “preocupações”), ou, em outras palavras, o caminho para dar conta da própria vida ou conseguir sobreviver ao caos instaurado pela ausência do controle do Estado democrático, foi colocado no centro de atenção dessas escolas filosóficas.

O estoicismo deve seu nome ao fato de que seus fundadores se encontravam para trocar ideias, conversar e organizar seu sistema filosófico,

junto ao pórtico (em grego *stoá*) da cidade. Os estoicos são, portanto, os filósofos do pórtico como costumam se autodenominar compositores que se reúnem em determinado local para as suas interlocuções e que esse local fica conhecido e lembram a origens dos mesmos.

O sistema estoico compreendeu, em sua fase inicial no século IV a.C. (312/311 d.C.), três disciplinas: a Lógica, a Física e a Ética. Vamos falar um pouco sobre cada uma delas.

3.1. A lógica estoica

Diz-nos o evangelista João, no início de suas narrativas que “no princípio existia a palavra, a palavra estava em Deus, e a palavra era Deus”².

Na era helenística, o grego e sua cultura se espalharam na porção oriental da Europa e do Oriente próximo ou Oriente Médio (Egito, Palestina, Síria, Pérsia, antiga Mesopotâmia). Foi, inclusive, nessa época que, a partir do século I da era cristã, teria seu surgimento, no panorama cultural, o cristianismo.

Tomando o conhecido e muito citado *incipit* do Evangelho de João, poderíamos dizer que tal frase constitui uma narrativa religiosa ou será produto da lógica estoica que coloca, na fase inicial do estoicismo, a palavra como representação e criação do mundo e das coisas que nos circundam?

A palavra, dessa forma colocada pelo evangelista João, é a fundação de um novo modo de pensar o mundo. Pela palavra criamos as coisas, criamos realidades, passa a existir aquilo que anteriormente era apenas um pensamento³.

² Em grego koiné: Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος, καὶ ὁ Λόγος ἦν πρὸς τὸν Θεόν, καὶ Θεὸς ἦν ὁ Λόγος. (João capítulo I, vers. 1)

³ Leia-se o Apologético de Tertuliano, Capítulo XXI, 10 a 14. Nesse trecho, Tertuliano discorre sobre a relação entre as três pessoas da Santíssima Trindade, ressaltando a importância do Verbo, pelo qual o Pai cria o mundo e o universo a partir do nada (*ex nihilo*) e o homem, à sua imagem e semelhança. Há duas indicações bibliográficas da obra O Apologético, de Tertuliano, no final deste artigo.

A palavra tem, pois, em muitos casos, um poder extraordinário, capaz de construir bem como de destruir ou, até mesmo, matar⁴.

A disciplina da Lógica estoica estabelece critérios e elementos para normatizar o estudo da linguagem falada e escrita, ao estabelecer, por exemplo, as classes de palavras como nomes, pronomes, verbos, advérbios etc., dentre outras coisas. Nesse sentido, os estoicos deixaram importante legado para a posteridade, quando sistematiza normas gramaticais para constituir o letramento dos cidadãos. Na baixa Idade Média, surgirá uma instituição que subsiste até os dias atuais, que é a universidade que se abeberou na disciplina da Lógica estoica, dentre outras correntes de pensamento.

3.2. A física estoica

Diferentemente da concepção de Platão, acerca da doutrina da alma que a crê como imaterial, Zenão elabora um sistema, onde praticamente tudo é corpóreo, com exceção do som que emitimos ao falar, nossas palavras, que Zenão admite que não têm corpo.

A maior parte dos seres, animados e inanimados, são corpóreos, pois ocupam lugar no espaço e têm peso, forma, cor e densidade. Zenão admite que também a alma é corpórea, haja vista as inúmeras relações do ser corpóreo e da alma que anima o próprio corpo.

Como os padres da Igreja são os herdeiros diretos de seus predecessores estoicos, tais como Tertuliano, Jerônimo, dentre outros, tais autores copiam a concepção materialista herdada dos filósofos do pórtico, tais como Crísipo e Possidônio, além do mestre Zenão de Cítio, a ideia da corporeidade de todos os seres, panteísta e naturalmente dotada de razão e razoabilidade.

⁴ Leia-se a obra “A vida de Jesus” de Ernest Renan, na edição francesa publicada pelas edições Robert Laffond, vol. I, citada na bibliografia, às páginas 206 a 300. Lembre-se também o que sucedeu com o eminente latinista brasileiro Ernesto Faria, autor de memoráveis obras para o estudo da cultura clássica latina no Brasil, tais como seu “Dicionário escolar latino português” e sua “Gramática Superior da Língua Latina”, ao participar de uma reunião administrativa, na então capital do Brasil, o Rio de Janeiro, que terminou deliberando pela retirada do latim dos cursos “ginasiais”. Ernesto Faria morreu durante aquela reunião.

Assim vemos Tertuliano, em sua obra *De spectaculis*⁵, falar da importância dos bens materiais, dos imóveis e dos veículos, bem como todos os outros bens materiais. Vejamos o seguinte trecho do autor e da obra mencionada:

Plane et ipsae extructiones locorum, quod saxa, quod caementa, quod marmora, quod columnae dei res sunt, qui ea ad instrumentum terrae dedit; sed et ipsi actus sub caelo dei transiguntur. Quam sapiens argumentatrix sibi uidetur ignorantia humana, praesertim, cum aliquid eiusmodi de gaudiis et de fructibus saeculi metuit amittere. (capítulo II, parágrafo 2).

Claramente também as construções dos imóveis, porque as pedras, porque os cimentos, porque os mármore, porque as colunas são patrimônios de Deus, que as deu à terra para equipá-la. E também as próprias representações se dão sob o céu de Deus.⁶ Quão sábia argumentadora⁷ para si mesma parece a ignorância humana, sobretudo, quando teve medo de perder, desta maneira, alguma porção das satisfações e das vantagens mundanas! (Tradução do autor do artigo)

A concepção do mundo como materialista e corpórea foi ao encontro da necessidade de mudança no sistema religioso, sobretudo do cristianismo, que considera o mistério da Encarnação de Deus em Jesus Cristo que, de divindade do verbo, passou a ter corpo, voz e todas as necessidades de que é importante não se esquecer. Há quem considera o estoicismo como uma santa filosofia, por ter ajudado na acomodação a padrões civilizatórios da Antiguidade Tardia a herança clássica greco-romana, que representa o cristianismo em sua formação e regulação da instituição eclesial.

É importante não perder de vista que o cristianismo não surgiu pronto. Levou séculos até se organizar em sua complexidade que existe até hoje. Podem ser encontradas, na bibliografia, obras que se referem a este tema.

⁵ A obra *De Spectaculis* (“Os espetáculos”) tem como data de publicação o segundo século da Era Cristã, mais ou menos no ano 206 d.C (TERTULIANO, 2013, p. 38).

⁶ Cf. Apologético 38, 4. Nesse trecho, Tertuliano se refere à renúncia que os cristãos fazem aos espetáculos que acontecem nos teatros ao ar livre, nos estádios, nos anfiteatros, nas arenas e nos circos, bem como nos embates bélicos.

⁷ Essa palavra traduz o termo “argumentatrix” que, por sua vez, é um hápax de Tertuliano para o verbo *argumentari*, que significa argumentar, construir um discurso à base de argumentos. Um hápax é uma atestação isolada, dentro da língua, que é própria de determinado autor e que não se encontra em outros. Consideramos, de acordo com nossas pesquisas, que Jerônimo tinha grande apreço por Tertuliano e que se referia a ele como mestre. Portanto, é provável que o termo tenha encontrado eco posteriormente. Em grego, a palavra hápax (ἄπαξ) é um advérbio e significa “uma única vez”.

3.3. A ética estoica

A disciplina da Ética do estoicismo suplanta as disciplinas da Lógica e da Física estoicas, que, com o passar dos tempos, perderam a importância que outrora tinham. Não porque representassem desinteresse, mas porque foram ofuscadas pelo crescimento daquela.

Como já foi dito, a época helenística requereu de cada indivíduo que o mesmo desse conta da questão de sua vida. Com isso, cada ser tinha que se desdobrar de variadas maneiras para suprir a falta que fazia a falência das instituições políticas que ajudavam aos cidadãos a administrar o funcionamento regulatório da sociedade. Tal falência trouxe de roldão o caos político e a necessidade de que cada indivíduo passou a ter, a de lidar com os desdobramentos de cada questão, e resolver, cada um, seus próprios problemas.

A diferença existente entre esse estado de coisas e as virtudes que os antigos romanos cultivavam torna patente o desamparo que os cidadãos da era helenística experimentavam.

Os romanos cultivavam a temperança, a ponderação, a clemência e a firmeza. Por *frugalitas* (temperança), os romanos entendiam que era necessário ser moderado no consumo dos alimentos à mesa. Por *grauitas* (seriedade), que era necessário ser equilibrado e sábio nas decisões e deliberações que envolviam a questão de escolher com justiça o encaminhamento de cada assunto. Por *clementia* (solidariedade), sabiam os romanos ter compaixão e solidariedade para com os seus pares, em todos os momentos. Por *constantia* (constância), os antigos romanos tinham como costume o de dar continuidade e de se aperfeiçoar sempre e cada vez mais nas suas práticas, saberes, artes e instituições.

Já a ética estoica faz derivar das virtudes primárias (sabedoria, temperança, fortaleza e justiça) outras tantas que, com estas, quatro principais mantêm afinidade e especificidade. Assim, acham-se associadas à sabedoria o conselho, a reflexão, a perspicácia, o bom senso, a destreza e a cautela. À temperança, a tempestividade, o decoro, o recolhimento, a continência. À fortaleza, a firmeza, a coragem, a magnanimidade, o ardor, a operosidade. À justiça, a piedade, a bondade, a sociabilidade, o ardor, a afabilidade. Este é o catálogo de virtudes de Estobeu, um dos mestres da filosofia do Pórtico (Cf. REALE, 1994, p. 343).

Com o decorrer dos tempos, a civilização posterior à era helenística irá incorporar a disciplina ética estoica às leis e aos códigos de direito civil,

na formação escolar, nas mais diversas disciplinas e instituições, seja no campo do poder temporal, seja no do poder espiritual.

4. Três momentos da literatura latina e três atitudes em face da transitoriedade da vida humana

As primeiras manifestações foram versificadas em medidas do verso satúrnio, num ritmo pesado e monótono. Eram, sobretudo, cânticos litúrgicos e de orações às divindades Marte, Júpiter e Quirino. Segundo Georges Dumézil, em “La religion romaine archaïque” (A religião romana arcaica), essas são as três divindades mais importantes do panteão romano.

Vejamos uma dessas orações litúrgicas, sendo a que segue dirigida ao Deus Marte:

Mars pater te precor quaesoque / Ut sies volens propitius / Mihi domo familiaeque nostrae / Quoius rei ergo / Agrum terram fundumque meum / Suovetaurilia circumagi iussi / Ut tu morbos visos unvisosque / Viduertatem vastitudinemque / Calamitates intemperiasque / Prohibessis defendas averruncesque; / Ut fruges frumenta vineta virgultaque / Grandire dueneque evenire siris / Pastores pecuaque salva servassis / Duisque duonam salutem valetudinesque / Mihi domo familiaeque nostrae. / Harunce rerum ergo / Fundi terrae agrique mei / Lustrandi lustrique faciendi ergo, / Sicuti dixi, / Macte hisce suovetaurilibus / Lactentibus immolandis esto. / Mars pater eiusdem rei ergo / Macte hisce suovetaurilibus / Lactentibus esto.

(Ó pai Marte, te peço e invoco, / Que sejas bem-disposto e propício a mim, / À casa e à nossa família: / Coisa pela qual, portanto, em torno ao campo, à terra, / À minha propriedade, / Mandei candiar os porcos, as ovelhas e os touros, / A fim de que as doenças visíveis e invisíveis, / A esterilidade e a devastação, / As calamidades e as intempéries / Tu as tenhas afastadas, / Afugentes e as desvies; / E a fim de que as colheitas, / O trigo fino, os vinhedos e as vergôntes / Tu as deixes crescer e ter bom êxito./ E os pastores e os bichos tu os conserves, e boa saúde e prosperidade / Tu as dês a mim, à casa e à nossa família. / A mim, pois, à casa e à nossa família. / Por tais benefícios, de expiação e purificação, / Como disse, a propriedade, a terra e o meu campo, / Sejam honrados estes lactantes, os porcos, as ovelhas e os touros. / Ó pai Marte, por tal benefício / Honradamente a estes porcos, ovelhas e touros / Lactantes haverão de ser!)

Observamos que, desde os tempos mais recuados da latinidade, remontando à época arcaica, com as formas mais estranhas e difíceis de ser entendida ao leitor moderno, vemos a religiosidade desses agricultores, dedicados ao trabalho no campo, com os rebanhos, as plantações, o pedido de afastamento das ameaças à saúde dos animais e das pessoas. Isso mostra

que a sabedoria e o conhecimento das causas das doenças não é exclusividade do nosso tempo. Nesse sentido, a oração ao deus Marte é bastante emblemática, nesse sentido.

A consciência da finitude da existência⁸ e da transformação dos seres humanos, das colheitas que alimentam os humanos e os animais é um tema clássico e perene, percebido e registrado em todas as épocas da literatura. Tão relevante tema é conhecido, pela prática e experiência, desde a época em que, provavelmente, a referida oração era declamada e entoada verso satúrnio, dando-nos conta de sua relevância e importância.

Em um lapso temporal de sete séculos para trás do marco do ano zero da era comum e, em outro lapso, de seis séculos para adiante da era comum ou era cristã, encontramos nas epístolas de Sêneca o mesmo tema sobre o qual discorreremos nessa breve exposição: a finitude ou transitoriedade. Negada e renegada culturalmente de todos os modos, formas e atitudes, a morte enalça a todos, permeando todos os momentos e as nossas escolhas. Está presente na linguagem de forma sutil e sorradeira, em todos os atos. Perpassa as transações financeiras, as relações de poder, propriedade e demais setores da vida.

A morte permeia a relação de Sêneca com Lucílio em grande parte das epístolas. Com bom humor e espirituosidade, Sêneca se dirige a seu discípulo a quem prodigaliza conselhos, admoestações, reflexões. O próprio nome de Sêneca, segundo Antenor Nascentes (1952), contém em suas letras o étimo de *senex*, velho em latim. Sêneca atravessou um período turbulento na história romana, marcado por controvérsias ideológicas e imperadores corruptos, devassos e cruéis. O próprio preceptor de Nero, Sêneca, o filósofo, sucedeu a Cláudio por cuja responsabilidade veio a sofrer exílio. Tibério, Cláudio, Nero e Calígula reinaram nesse século decadente. Vale lembrar que Sêneca recusava jantares por receio de que estivessem envenenados.

Mediante tantas perseguições e tribulações, encontrava em Lucílio um alento para resistir aos desmandos e às posições políticas equivocadas. Época de recessão e severa crise financeira, a nau do glorioso Império Romano irá capengar por séculos a fio, após esse registro de resistência de

⁸ Temos, como referência à questão da finitude da existência de todos os seres vivos, o termo “transitoriedade”, tradução do termo alemão “Vergänglichkeit”, usado por Sigmund Freud em um artigo na obra *Das Land Goethes*, de 1914–1916, publicado em Stuttgart, pela editora Verlagsanstalt, p. 37-8. O artigo encontramos traduzido para o português brasileiro, sob direção de Jayme Salomão, na coleção “Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud” citada na bibliografia (vol. XIV, p. 345-8).

um estoicismo renovado, segundo Max Pohlenz em seu clássico estudo “Stoa: storia di un movimento spirituale” (POHLENZ, 2005, p. 632 e seguintes). Diferentemente de Cícero, no Século I a.C., Sêneca irá nos legar uma sabedoria vivida na renovação da moral estoica, sendo um filósofo no mundo político, ao passo que Cícero tenta, na prática, exercer a sabedoria estoica, em todos os atos e atitudes políticas, publicamente, na prática e em sua obra literária.

Já no século VI d.C, a regra de São Bento apregoava a seus discípulos, por meio da clássica *Regula Sancti Benedicti*, que um bom monge deveria viver como se o momento presente fosse o último da existência carnal: *Mortem semper habere suspectam*. (Ter sempre a suspeição da morte), como já preceituava Sêneca o Filósofo, na epístola XII, no intuito de se corrigir e não pecar, para que houvesse o tempo de se redimir e não ser condenado às chamas eternas do inferno. A regra de São Bento teria se inspirado no estoicismo de Sêneca, em suas epístolas morais a Lucílio?

Também preceitua São Bento em sua Regra, conforme menciona a obra “A regra de São Bento” (A regra de São Bento, 1990, p. 32) que os monges não deveriam “dizer palavras vãs próprias a provocar o riso”: *Verba vana aut risui apta non loqui*, como menciona o personagem de Jorge de Burgos, no filme “O nome da rosa”, homônimo da obra de Umberto Eco⁹. No romance, tal passagem se encontraria na segunda jornada, na hora terça (9h da manhã), conforme nos aponta a edição italiana de 1983 (Cf. ECO, 128-41). Nesse momento, no romance, a discussão dos personagens gira em torno do riso.

Como meio termo, situada entre as duas religiões, encontra-se a pagã, professada pelos primitivos habitantes do Lácio, politeístas e agricultores simples e, por outro lado, os monges cristãos e beneditinos, comandados pela regra do mestre São Bento de Núrsia, encontrando-se, entre essas duas pontas, a relação de Sêneca com seu discípulo Lucílio, adepto da “sancta philosophia”, fundada pelo filósofo de origem semítica, Zenão de Cítio.

O mestre Zenão de Cítio, de origem semítica, criou em língua grega um elaborado sistema filosófico, com a lógica, a física e a proverbial ética, tão difundida por séculos afora, construindo um nicho no qual a tradição

⁹ Na bibliografia, citamos o link do filme dublado para o português de Jean-Jacques Annaud. Na cena representada na segunda jornada, às 9h da manhã, na conversa de Guilherme de Baskerville e Jorge de Burgos, este lança uma das máximas citadas na Regra de São Bento: “Verba vana aut risui apta non loqui” (A regra de São Bento, *op. cit.*, p. 32).

cristã irá se assentar e repousar em berço esplêndido. Iremos abordar, a seguir, uma das epístolas, a epístola XII, como uma das mais emblemáticas da questão da transitoriedade:

[1] *Quocumque me uerti, argumenta senectutis meae uideo. Veneram in suburbanum meum et querebar de impensis aedificii dilabentis. Ait uilicium mihi non esse negligentiae suae uitium, omnia se facere, sed uillam ueterem esse. Haec uilla inter manus meas creuit: quid mihi futurum est, si tam putria sunt aetatis meae saxa?* [2] *Iratus illi proximam occasionem stomachandi arripio. 'Apparet' inquam 'has platanos negligi: nullas habent frondes. Quam nodosi sunt et retorridi rami, quam tristes et squalidi trunci! Hoc non accideret si quis has circumfoderet, si irrigaret.'* Iurat per genium meum se omnia facere, in nulla re cessare curam suam, sed illas uetulas esse. *Quod intra nos sit, ego illas posueram, ego illarum primum uideram folium.* [3] *Conuersus ad ianuam 'quis est iste?' inquam 'iste decrepitus et merito ad ostium admotus? foras enim spectat. Unde istunc nactus es? Quid te delectauit: alienum mortuum tollere?' At ille 'non cognoscis me?' inquit: 'ego sum Felicio, cui solebas sigillaria afferre; ego sum Philositi uilici filius, delicioium tuum'. 'Perfecte' inquam 'iste delirat: pupulus, etiam delicioium meum factus est? Prorsus potest fieri: dentes illi cum maxime cadunt.'* [4] *Debeo hoc suburbano meo, quod mihi senectus mea quocumque aduenteram apparuit. Complectamur illam et amemus; plena est uoluptatis, si illa scias uti. Gratissima sunt poma cum fugiunt; pueritiae maximus in exitu decor est; dedito uino potio extrema delectat, illa quae mergit, quae ebrietati summam manum imponit;* [5] *quod in se iucundissimum omnis uoluptas habet in finem sui differt. Iucundissima est aetas deuexa iam, non tamen praeceps, et illam quoque in extrema tegula stantem iudico habere suas uoluptates; aut hoc ipsum succedit in locum uoluptatum, nullis egere. Quam dulce est cupiditates fatigasse ac reliquisse!* [6] *'Molestum est' inquis 'mortem ante oculos habere.' Primum ista tam seni ante oculos debet esse quam iuueni - non enim citamur ex censu -; deinde nemo tam sene est ut improbe unum diem speret. Vnus autem dies gradus uitae est. Tota aetas partibus constat et orbes habet circumductos maiores minoribus: est aliquis qui omnis complectatur et cingat - hic pertinet a natali ad diem extremum -; est alter qui annos adulescentiae excludit; est qui totam pueritiam ambitu suo adstringit; est deinde per se annus in se omnia continens tempora, quorum multiplicatione uita componitur; mensis artiore praecingitur circulo; angustissimum habet dies gyrum, sed et hic ab initio ad exitum uenit, ab ortu ad occasum.* [7] *Ideo Heraclitus, cui cognomen fecit orationis obscuritas, 'unus' inquit 'dies par omni est'. Hoc alius aliter excepit. Dixit enim alius parem esse horis, nec mentitur; nam si dies est tempus uiginti et quattuor horarum, necesse est omnes inter se dies pares esse, quia nox habet quod dies perdidit. Alius ait parem esse unum diem omnibus similitudine; nihil enim habet longissimi temporis spatium quod non ut in uno die inuenias, lucem et noctem, et in alternas mundi uices plura facit ista, non alia alias contractior, alias productior.* [8] *Itaque sic ordinandus est dies omnis tamquam cogat agmen et consummet atque expleat uitam. Pacuuius, qui Syriam usu suam fecit, cum uino et illis funebribus epulis sibi parentauerat, sic in cubiculum ferebatur a cena ut inter plausus exoletorum*

hoc ad symphoniam caneretur: “βῆτορα, βῆτορα”. [9] Nullo non se die extulit. Hoc quod ille ex mala conscientia faciebat nos ex bona faciamus, et in somnum ituri laeti hilaresque dicamus: Vixi et quem dederat cursum fortuna peregi. Crastinum si adiecerit deus, laeti recipiamus. Ille beatissimus est et securus sui possessor qui crastinum sine sollicitudine exspectat; quisquis dixit ‘uixi’ cotidie ad lucrum surgit. [10] Sed iam debeo epistulam includere. ‘Sic’ inquis ‘sine ullo ad me peculio ueniet?’ Noli timere: aliquid secum fert. Quare aliquid dixi? Multum. Quid enim hac uoce praeclarius quam illi trado ad te perferendam? ‘Malum est in necessitate uiuere, sed in necessitate uiuere necessitas nulla est.’ Quidni nulla sit? Patent undique ad libertatem uiae multae, breues faciles. Agamus deo gratias quod nemo in uita teneri potest: calcare ipsas necessitates licet. [11] ‘Epicurus’ inquis ‘dixit: quid tibi cum alieno?’ Quod uerum est meum est; perseuerabo Epicurum tibi ingerere, ut isti qui in uerba iurant nec quid dicatur aestimant, sed a quo, sciant quae optima sunt esse communia. Vale.

Passemos agora à tradução da epístola XII feita por J. A. Segurado e Campos na obra *Cartas a Lucílio*, citada na bibliografia deste artigo¹⁰:

Para onde quer que eu me vire, vejo os indícios da minha velhice. Tinha ido à minha quinta nos arredores e queixava-me das despesas a fazer com uma casa em ruínas. O feitor diz-me que o mal não está em falta de cuidados seus, simplesmente a casa é velha. Ora esta casa cresceu entre as minhas mãos: como não estarei eu, se tão podres estão estas pedras da minha idade? Irritado, aproveito a primeira ocasião para me zangar com o homem. “Parece” – digo-lhe – eu “que estes plátanos não são cuidados. Não têm folhas nenhuma! Olha como os ramos estão nodosos e ressequidos, como os troncos estão macilentos e sujos! Isto não aconteceria se as árvores fossem escavadas e regadas!” O homem jura pelo meu Gênio¹¹ que faz tudo o que é preciso, que toma todos os cuidados necessários: elas é que já são velhotas! Aqui entre nós, fora eu que as plantara, eu que uira brotar as suas primeiras folhas.

Virei-me para a porta. “Quem é este?” – Perguntei. “Este velho decrepito que, com toda a razão, puseram junto da porta? Onde foste desencantar este indivíduo? Que ideia foi essa de ir buscar um morto que não é nosso? Diz-me o velho: “Então não me conheces? Eu sou Felicidade, a quem tu costumavas oferecer bonecos¹², sou o filho do teu feitor Filósofo, o teu companheiro preferido”. “Belo” – digo eu – “este está doído, catrio, e ainda por

¹⁰ Colocaremos, junto a essa tradução, as notas de rodapé que seu autor elaborou. Farei a transcrição integral das mesmas.

¹¹ Na religião romana, o Gênio (*Genius*) era uma das divindades domésticas (a par dos Lares e dos Penates) individualmente associada a cada homem: cada homem possuía o seu *Genius*, tal como cada mulher possuía uma contrapartida feminina, a sua *Iuno*. Especialmente venerado era, em cada casa, o *Genius* do chefe de família, simbolizado por uma serpente pintada no altar.

¹² Por ocasião das Saturnais (*Saturnalia*), antigas festas do calendário romano celebradas por volta de 17 de dezembro de cada ano em honra de Saturno, era costume haver troca de

cima armado em meu companheiro preferido! Até está correcto: já lhe estão caindo todos os dentes!”

Fico em dúvida com a minha quinta: para onde quer que eu me virava fazia--me dar conta da minha velhice. Pois abracemo-la, apreciemo-la, apreciemo-la: se a soubermos usar a velhice é uma fonte de prazer. Os frutos tornam-se mais agradáveis quando estão passados; é no seu termo que mais brilha a graça da infância; aos bebedores, o último copo é que dá mais prazer, aquele que culmina e dá o último impulso à embriaguez; aquilo que cada prazer tem de mais saboroso é guardado para o fim. É extremamente agradável esta idade, já tendente para o fim embora ainda não tombar; estar prestes a atingir a beira do telhado, acho que é situação dotada dos seus encantos, bastará a simples ausência de necessidades. Como é bom já ter cansado os nossos desejos, tê-los abandonado.

“Mas é penoso” – dirás – “ter a morte diante dos olhos”

Bom, ter a morte diante dos olhos é coisa que tanto deve fazer um velho como um jovem (já que ela nos não chama por ordem de idades); além disso, não há ninguém tão velho que não tenha direito a esperar um dia mais. Aliás, um dia é um degrau na vida. Toda a nossa existência consta de partes, de círculos concêntricos em que os maiores abarcam os menores: há um círculo que delimita os anos da adolescência; outro que dentro da sua órbita rodeia os anos da infância; além disso, cada ano de per si contém as subdivisões do tempo, de cuja combinação resulta a nossa vida; um mês está contido num círculo menor; um dia tem um perímetro ainda mais curto, nem mesmo ele tem um princípio e um fim, uma origem e um termo. Por isso dizia Heráclito, o filósofo que deveu a fama à sua linguagem obscura, “que qualquer dia é igual a todos os outros”¹³.

Esta ideia foi expressa por outros, cada qual da sua maneira. Disse um que é igual que em número de horas, e com razão, pois, se um dia é um espaço de vinte e quatro horas, necessariamente todos os dias são iguais entre si: a noite tem a mais o que o dia tem a menos. Disse um outro que todos são iguais na sua aparência geral, porquanto nada há num enorme espaço de tempo que se não possa encontrar num único dia – a luz e as trevas, no constante alternar do universo, tudo isto aparece multiplicado, mas não diferente, ...¹⁴ apenas numas vezes mais curto, noutras mais dilatado. Organizemos, portanto, cada dia como se fosse o final da batalha, como se fosse o limite, o termo da nossa vida. Pacúvio, que usufruía da

presentes entre amigos, e mesmo, como é aqui o caso, entre senhores e escravos (por exemplo os livros XIII e XIV de Marcial recolhem uma coleção de epigramas apenas pelo poeta a presentes oferecidos por essas festas). Neste período, os escravos gozavam em relação aos seus senhores de uma grande liberdade, como pode verificar-se, e.g., na sátira 7 do livro II de Horácio (diálogo entre o Poeta e o seu escravo Davo).

¹³ Heráclito fr. Diels-Kranz.

¹⁴ O texto apresenta aqui uma lacuna.

Síria como se lhe pertencesse de direito¹⁵, depois de a si mesmo se ter celebrado com libações e suntuosos banquetes fúnebres, fazia-se transportar do festim para o quarto entre as palmas dos seus “amiguinhos” que cantavam em coro: βεβίωται, βεβίωται¹⁶. Todos os dias fez o seu próprio funeral. Ora o que ele fazia com a consciência pesada façamo-lo nós com ela tranquila, e ao irmos dormir digamos com satisfação e alegria,

*Vivi, cumpri o curso que a fortuna me deu*¹⁷.

Se a divindade nos conceder o novo dia, aceitemo-lo com alegria. O mais feliz dos homens, o dono seguro de si próprio é aquele que aguarda sem ansiedade o dia seguinte. Quem quotidianamente diz: “Vivi”! Quotidianamente ficará a lucrar.

Mas já é altura de fechar esta carta. – “Olá! Então e ela vem sem me trazer um brinde?” – não te assustes: vai levar qualquer coisa. Qualquer coisa: muita coisa. Que há, na verdade, de mais notável que esta frase que eu aqui incluo para ti? “É um mal viver na necessidade de viver na necessidade.”¹⁸ Como não seria assim? Em todo o lado estão patentes as vias para a liberdade: muitas, curtas e fáceis. Agradecemos à divindade o facto de ninguém poder ser obrigado a permanecer vivo: é-nos possível dar um pontapé na própria necessidade.

Dirás tu: “Essa frase é de Epicuro”; para que recorrer à propriedade alheia? “Tudo quanto é verdade, pertence-me. E vou continuar a citar-te Epicuro para que todos quantos juram pelas palavras e se interessam, não pela ideia, mas pelo seu autor, fiquem sabendo que as ideias correctas são pertença de todos. Adeus. (Termina aqui a tradução da epístola.)

Em suas epístolas morais a Lucílio, Sêneca está a meio caminho entre a prece suplicando por bênçãos e saúde e o enfrentamento das horas difíceis da agonia e morte corporal, exemplificadas neste artigo, mais adiante, pelo hino cristão em latim, o *Stabat Mater*. Sêneca, a nosso ver, representa, no primeiro século da era cristã, ao que nos parece na hipótese deste artigo, um divisor de águas nas questões de transitoriedade, é uma espécie de prenúncio dos séculos seguintes, que culminaria na cristandade medieval, com o culto a Maria, em especial. Se os antigos romanos na região do Lácio já se preocupavam com a questão da finitude, com a oração ao deus Marte, implorando saúde, colheita e fartura, que se mantives-

¹⁵ O governador efectivo da Síria, nomeado por Tibério, era Élio Lâmia, que, impedido de sair de Roma pelo Imperador, administrava a província por intermédio do seu legado Pa-cúvio (cf. Tácito, *Annales*, VI, 27 e I, 80).

¹⁶ “Já viveu, já viveu!” (isto é, “está morto!”)

¹⁷ Virgílio, *Aen.* IV,653.

¹⁸ Epicuro, fr. 487 Usener.

sem afastadas as doenças – as visíveis e as invisíveis – é possível vislumbrar nisso preocupações de ordens diversas, quanto à saúde e a própria sobrevivência.

São recorrentes, em Sêneca, as reflexões acerca da iminência da morte, registradas em suas admoestações a seu discípulo Lucílio, como podemos verificar em sua epístola XII. Porém, é com as reflexões sobre a morte, elaboradas, sobretudo, a partir da leitura da leitura sobretudo dos Evangelhos e das composições musicais para as celebrações dos ofícios religiosos, que a cristandade medieval nos legará hinos como o *Stabat Mater*, o qual transponho integralmente em latim medieval. Tal composição data do século XIII. Neste hino, percebe-se já o morrer como espetáculo e drama da perda, culminando na morte corporal do Cristo, filho de Maria, concebido por ação do Espírito Santo, crucificado para salvar o mundo do pecado, sofrendo, através da asfixia de estar suspenso no madeiro, os intensos sacrifícios e dores.

Vamos ao hino mariano em latim, acompanhado de sua tradução:

STABAT MATER¹⁹

Stabat Mater dolorosa juxta crucem lacrimosa dum pendebat Filius. / Cujus animam gementem, contristatam et dolentem pertransivit gladius. / O quam tristis et afflicta fuit illa benedicta Mater Unigeniti. / Quae maerebat et dolebat pia Mater dum videbat Nati poenas inclyti. / Quis est homo qui non fletet, Matrem Christi si videret in tanto supplicio? / Quis non posset contristari, Christi Matrem contemplari dolentem cum Filio? / Pro peccatis suae gentis vidit Jesum in tormentis et flagellis subditum. / Vidit suum dulcem natum moriendo desolatum dum emisit spiritum. / Eia Mater, fons amoris, me sentire vim doloris fac, ut tecum lugeam. / Fac ut ardeat cor meum, in amando Christum Deum, ut sibi complaceam. / Sancta mater, istud agas, Crucifixi fige plagas cordi meo valide. / Tui nati vulnerati, tam dignati pro me pati, poenas mecum divide. / Fac me tecum pie flere, Crucifixio condolare, donec ego vixero. / Juxta crucem tecum stare, et me tibi sociare, in planctu desidero. / Virgo virginum praeclara, mihi jam non sis amara: fac me tecum plangere. / Fac ut portem Christi mortem, passionis fac consortem, et plagas recolere. / Fac me plagis vulnerari, fac me cruce inebriari, et cruore Filii. / Flammis ne urar succensus, per te Virgo sim defensus in die judicii. / Christe, cum sit hinc exire, da per Matrem me venire ad palmam victoriae. / Quando corpus morietur, fac ut animae donetur Paradisi gloria. Amen. Alleluia.

Tradução

¹⁹ Texto em latim da obra *Paroissien Romain*, citada na bibliografia (p. 1634 a 1637). O texto traz partitura musical, de modo a tornar o hino litúrgico com a melhor melodia possível. A tradução ao português contemporâneo é do autor deste artigo.

A mãe estava de pé junto à cruz, vertendo lágrimas, enquanto o filho estava deprimido. / Cujas almas gemendo, contristada e em dores uma espada transpassou. / Ó quão triste e aflita foi aquela bendita Mãe do Unigênito! Piedosa Mãe que sofria tristeza e dores enquanto via os castigos do ilustre filho. / Qual é o ser humano que não choraria se visse a Mãe de Cristo em tamanho suplício? / Quem não poderia se entristecer, contemplar a Mãe de Cristo a se condoer com o Filho? / Pelos pecados de sua gente, viu Jesus sob torturas e submetido à flagelação. / Viu o seu doce rebento morrendo desoladamente, enquanto entregou o espírito. / Eia Mãe, fonte do amor, faz-me sentir a força da dor, para que contigo eu pranteie. / Faz com que arda meu coração ao amar a Cristo Deus, para que com ele me compraza. / Santa mãe, realiza isto, fixa as chagas do Crucificado vivamente ao meu coração. De teu rebento ferido, que tanto se dignou a sofrer por mim, as penalidades comigo divide. / Faz-me contigo chorar piedosamente, condoer-me com o crucificado, enquanto viver. / Desejo estar de pé junto à cruz contigo e a ti me associar no pranto. / Virgem entre as virgens mais distinta, já não me sejas amarga, faz-me contigo prantear. / Faz com que eu carregue a morte de Cristo, faz-me consorte da paixão, renova as chagas. Faz-me ser ferido pelas chagas, faz-me inebriar-me com a cruz e com o sacrifício sangrento do Filho. / Que eu não queime pelo incêndio das chamas, por ti Virgem eu seja defendido no dia do Juízo. / Cristo, quando estiver a sair daqui, dá que pela Mãe eu chegue à palma da vitória. / Quando o corpo morrer, faz com que à alma seja doada a glória do Paraíso. Amém. Aleluia.

O intuito de tais apresentações é o de difundir, através deste artigo, um pouco da literatura latina através dos tempos, alargando os horizontes que circunscrevem à época clássica, o domínio literário de excelência, ignorando a permanência da língua latina no mundo literário, dado à luz no decorrer dos séculos.

5. Considerações finais

Ao fim deste artigo, reflete-se que o tema tratado, nesse curto texto, tende a estender-se a uma produção de porte maior e de maior envergadura. Pretende-se dar continuidade a esta proposta, servindo este registro, no momento breve e sucinto, como apropriação de um projeto, como forma de documentar esta possibilidade.

Como atestam as diversas fontes bibliográficas mencionadas neste estudo, fica-nos patente a pujança da literatura de Sêneca, o Filósofo, nas leituras deste pela posteridade medieval e, até mesmo, pela contemporaneidade.

Como tal, precisamos aprofundar e aperfeiçoar a ideia e os estudos dos textos e a busca de outras fontes textuais, no intuito de refinar e ampliar o projeto ora apresentado como esboço de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A *REGRA DE SÃO BENTO* (Latim – português). Trad. e notas de D. João Evangelista Enout. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1990.

ANNAUD, J.-J. *O nome da rosa*. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=o+filme+o+nome+da+rosa.

CARDOSO, Zélia A. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARPINETTI, L. C. L. *A definição da trindade no Apologético de Tertuliano*. Disponível em: https://www.academia.edu/35359114/A_DEFINI%C3%87%C3%83O_DA_TRINDADE_NO_APOLOG%C3%89TICO_DE_TERTULIANO

CIZEK, E. *L'époque de Néron et ses controverses idéologiques*. Leiden: E.J. Brill, 1972.

DUMÉZIL, G. *La religion romaine archaïque*. Paris: Payot, 2000.

ECO, Umberto. *Il nome della rosa*. Milão: Bompiani, 1980.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GRIFFIN, M. T. *Seneca: a philosopher in Politics*. Oxford: At the Clarendon Press, 1976.

GRIMAL, P. *Sénèque ou la conscience de l'Empire*. Paris: Les Belles-Lettres, 1979.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Tomo II (Nomes próprios). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1952.

PAROISSIEN ROMAIN. Par les bénédictins de Solesmes. Paris: Société de Saint Jean Évangéliste, 1936.

POHLENZ, *La Stoa*. Storia di un movimento spirituale. Presentazione di Giovanni Reale. Milão: Bompiani, 2005.

REALE, Giovanni. *Historia da filosofia antiga*. Vol. 3. Trad. de Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 1994.

ROSTAGNI, A. *Storia della Letteratura Latina*. 3 volumes. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1983.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SÊNECA, L. A. *Cartas a Lucílio*. Trad., prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

_____. *Epistula XII ad Lucilium*. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/sen/seneca.ep1.shtml>. Acesso em: 03/12/2023.

_____. *Lettres à Lucilius*. Tome I. Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles-Lettres, 1945.

TERTULIANO. *Apologético O pálio*. Trad., introdução e notas de Luís Carlos Lima Carpinetti. São Paulo : Paulus, 2021.

_____. *Apologétique*. Texte établi et traduit par Jean-Pierre Waltzing avec la collaboration de Albert Séveryns. Paris: Les Belles-Lettres, 2003.

_____. *Les spectacles*. Introduction, texte critique, Traduction et commentaire par Marie Turcan. Paris: Les Editions du Cerf, 2013.

TRAINA, A. *Lo stile “drammatico” del filosofo Seneca*. Bologna: Pàtron Editore, 1984.

Outras fontes:

STOICI ANTICHI TUTTI I FRAMMENTI. Raccolta di Hans von Arnim. A cura di Roberto Radice. Milão: Bompiani, 2014.

THE GREEK NEW TESTAMENT. Former Editions edited by Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft & United Bible Societies, 1994.